

## Élisée Reclus: Teoria geográfica e teoria anarquista

*Élisée Reclus: Théorie géographique et théorie Anarchiste*

**Philippe Pelletier**

Tradutor: David Ramírez Palacios

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1856>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1856

ISSN: 2316-7793

**Editora:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Referência eletrónica**

Philippe Pelletier, « Élisée Reclus: Teoria geográfica e teoria anarquista », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, consultado o 12 outubro 2018. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1856> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1856

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 12 Outubro 2018.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Élisée Reclus: Teoria geográfica e teoria anarquista

*Élisée Reclus: Théorie géographique et théorie Anarchiste*

**Philippe Pelletier**

Tradução : David Ramírez Palacios

---

- 1 À primeira vista, Élisée Reclus (1830-1905) não parece ter escrito um tratado de teoria geográfica na forma em que outros fizeram, e no sentido em que hoje o entendemos. Uma simples leitura mostra no entanto que muitos capítulos de suas obras, principalmente introdutórios ou conclusivos, expõem princípios geográficos fortes. É destacadamente o caso do seu prefácio a *L'Homme et la Terre* (1905). Mas, como pesquisas recentes vieram mostrar, a *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894) longe de limitar-se a uma simples descrição do mundo, oferece também elementos gerais através duma análise regional.<sup>1</sup>
- 2 Não se trata de expor aqui em forma detalhada em que consistiria uma teoria geográfica reclusiana. Este trabalho tem sido já amplamente efetivado.<sup>2</sup> Em vez disso, parece pertinente compará-la com a teoria anarquista, isto por algumas razões. Por uma parte, esta abordagem combinada não tem sido aprofundada até agora. Por outra parte, parece pertinente considerando que nem a situação atual do mundo, nem as soluções adotadas até agora para remediá-la são satisfatórias. Desde este ponto de vista, o anarquismo fornece análises e respostas prometedoras. Abordar conjuntamente Reclus e o anarquismo permite então contribuir com um novo olhar sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro, sem que se trate só de Reclus, mas também de outros geógrafos anarquistas como Kropotkin, Metchnikoff, Perron ou Dragonamov, de uma abordagem hagiográfica ou de uma simples desempoeirada. Dito de outra forma, trata-se de fazer obra crítica e operativa, de manter o espírito e o pensamento livres.
- 3 À parte desta exigência decididamente política, parece-nos que a anarquia pode contribuir muito à geografia, e vice-versa. Não se trata de confundi-las, pois elas recobrem campos distintos e domínios diferentes. Não se trata de construir uma geografia anarquista à imagem do que tem tentado ser uma geografia marxista, da mesma forma em que rejeitaríamos uma geografia fascista ou bem uma geografia liberal. Certos

princípios são com efeito partilhados por todos os geógrafos. As técnicas da geografia, antigas e novas, pertencem a todos. Dito isto, a sua utilização, inclusive a sua concepção, mesmo sendo preciso manter-se prudente com respeito à amalgama entre ideologia, tecnologia e ciência, não é neutra. Mais ainda, as pontes ou os cruzamentos entre a geografia e a anarquia são mais importantes do que poderia pensar-se em questões de fundo, abordagens e sensibilidades, e também – e é este um tema delicado com que lidar –, quanto às intenções práticas: o manejo do território além da teoria.<sup>3</sup> É a interseção entre as duas, entre geografia e anarquia, que parece-nos a mais proveitosa, mutuamente. Enfim, sobre um domínio que concerne mais especificamente à questão filosófica e política, a geografia pode contribuir muito à anarquia na sua compreensão e à sua – não tenhamos medo da palavra – gestão do mundo.

## 1. Por uma anarquia ao serviço da ciência geográfica

- 4 Não sempre tem-se compreendido bem, mesmo entre os anarquistas, a ambição de Kropotkin de fazer da anarquia uma espécie de ciência, ou mais exatamente uma postura científica, apoiada nos métodos e num espírito científico. Para ele, não se tratava de um novo dogma, mas da interpretação mais precisa do mundo afim de compreender o seu funcionamento, as suas leis e as suas necessidades, em particular as necessidades humanas. Para satisfazer estas necessidades humanas – aquilo que constitui o alfa e o omega do projeto anarquista – sem a injustiça e a exploração capitalistas, sem mais enfraquecimento das forças produtivas ou distanciação do homem com a natureza, é preciso proceder de forma ao mesmo tempo racional e sintética.
- 5 Assim, Kropotkin escreve no seu livro – provavelmente o mais lido nos meios militantes – *A conquista do pão* (1892), que a «economia política» deve partir do consumo, e não mais somente da produção. Reverte assim o ponto de vista de todos seus predecessores socialistas, começando por Marx, mas também, em certa medida, de Proudhon, ultrapassando de passagem – se é possível dizer – a recorrente questão do «valor» e principalmente do «valor-trabalho». Assim revista, a «economia política» deixa de ser uma simples descrição dos fatos e torna-se uma ciência, com o mesmo título que a fisiologia. Podemos defini-la: «o estudo das necessidades da humanidade e dos meios de satisfazê-las com a menor desgaste possível das forças humanas». Seu verdadeiro nome será fisiologia da sociedade. Constitui uma ciência paralela à fisiologia das plantas ou dos animais...»<sup>4</sup>
- 6 Por via de consequência, como Kropotkin exprime dez anos mais tarde:
 

a questão colocada à anarquia pode ser exprimida como segue: «Que formas sociais garantem melhor, numa dada sociedade, e por extensão na humanidade em geral, a maior soma de felicidade e, por consequência, a maior soma de vitalidade.» [...] Isto que, dito seja de passagem, dá-nos a fórmula do *progresso*. O desejo de inclinar a evolução nesta direção determina o caráter da atividade social, científica, artística, etc., do anarquista.<sup>5</sup>
- 7 A anarquia seria então, segundo esta concepção de Kropotkin, uma forma de utilizar a ciência ao serviço da felicidade e a vitalidade da humanidade. Que Élisée Reclus partilha globalmente uma tal aproximação, fica demonstrado numa passagem essencial do seu livro explicitamente anarquista, *L'Évolution, la révolution et l'idéal anarchique* (*Evolução, revolução e o ideal anarquista*, 1891):
 

[...] uma imensa evolução tem-se realizado, anunciando a próxima revolução. Esta evolução consiste em que a “ciência” econômica, que profetiza a falta de recursos e

a morte inevitável dos famélicos, foi achada em falha, e que a humanidade sofrente, antes acreditando-se pobre, tem descoberto sua riqueza: o ideal do “pão para todos” não é uma utopia. A terra é vasta o suficiente para abrigar-nos a todos em seu seio, e é rica o suficiente para fazer-nos viver no desafogo, é capaz de dar os alimentos necessários para todo mundo comer, faz nascer plantas fibrosas suficientes para se vestir, contem pedras e argilas bastantes para todos possuírem casa. Tal é o fato econômico em toda sua simplicidade [...] e isto sem precisar a ciência intervir para fazer desistir a agricultura dos seus procedimentos empíricos e colocar a seu serviço todos os recursos de que atualmente dispõe a física, a química, a meteorologia e a mecânica.<sup>6</sup>

- 8 Deixando de lado o otimismo político de considerar que a revolução está próxima, otimismo aliás partilhado na época não só por anarquistas como Kropotkin, Malatesta ou a quase totalidade do movimento libertário –com a exceção tal vez de James Guillaume, que não se considerava verdadeiramente como um anarquista– mas também por um bom número de socialistas, esta posição de Reclus merece vários comentários.
- 9 Localiza-se no quadro de uma concepção da evolução, tomada em sentido amplo, que se refere às conclusões de Darwin como o lembra o conjunto da obra de Reclus e de Kropotkin. Relembremos que a teoria darwiniana da «luta pela vida» não se resume, segundo os trabalhos de Kropotkin, a uma simples competição intraespecífica ou interespecífica –uma ótica concorrente que os ideólogos liberais retomaram para desenvolver uma teoria social-darwinista –mas que se combina igualmente com a «ajuda mútua», outro fator da evolução. Ou seja, que já no tempo de Kropotkin, os darwinianos admitiam este fator, e que, desde Kropotkin, muitos trabalhos científicos tem-no confirmado na biologia, na etnologia e na antropologia.<sup>7</sup>
- 10 A consideração evolucionista de tipo científico reflete, bem entendido, o ar dos tempos em que todos os teóricos, fossem socialistas, liberais, republicanos ou conservadores, procuravam, durante o século XIX, basear suas ideias na ciência, e legitimá-las por ela, fosse por princípio ou por resposta (como foi o caso de Kropotkin, irritado pelas derivas do darwinismo social). Inicialmente, ainda, a teoria de Malthus foi explicitamente constituída como uma arma, supostamente científica, contra as teses do republicano progressista Condorcet e as do libertário progressista Godwin. Aliás, foi em grande parte pela sua ambição científica que o marxismo conseguiu impor-se no seio do movimento socialista. E, contrário ao que a retórica atual sobre o «fim dos grandes relatos» deixa entender, as ideias políticas procuraram sempre seu apoio na ciência (ou contra ela), em forma mais disfarçada tal vez, mas não menos temível.
- 11 Uma questão de estratégia ou de «modo». Fundamentalmente, o darwinismo, por exemplo, em forma singular, constituiu uma verdadeira revolução intelectual que se refletiu em todos os aspectos do pensamento e da vida humana. No século XIX, lembre-se, o dogma religioso enquadrava e formatava as consciências. Os cientistas enfrentaram-no frontalmente. É ainda o caso atualmente em alguns países como Estados Unidos e Irã.
- 12 Para Reclus, no entanto, o evolucionismo não é suficiente. Acrescenta-lhe uma sorte de «revolucionarismo», pode-se dizer, em que a revolução constitui também um corolário, uma intensificação momentânea, da evolução em todos os domínios. No entanto, segundo Reclus, nem toda revolução, e decerto nem toda evolução, constitui necessariamente um progresso. Ele o exprime bem claramente, reutilizando a este respeito a dialética dos *corsi* e *ricorsi* formulada pelo filósofo napolitano Gian-Battista Vico (1744-1803).<sup>8</sup> Segundo ele, o progresso não é jamais definitivo e, inclusive na sua progressão histórica, contém elementos de regresso. Multiplicando os exemplos, Reclus aplica esta dialética do

progresso e do regresso tanto à evolução das civilizações –principalmente na sua relação com o meio, cuja degradação pode conduzir à sua ruína– quanto à teoria política, na qual a evolução é inseparável da revolução, a revolução mesma não estando isenta de brutais voltas atrás. Esta última análise, inspirada na revolução francesa, vai se verificar na Rússia e na China.

## 2. Liberdade e fatalidade, possibilismo e determinismo

- 13 Esta dialética reclusiana contrabalança de fato um certo optimismo que se encontra tanto em Reclus mesmo quanto em Kropotkin. Ela atempera também um certo fatalismo transluzente em Kropotkin, fatalismo com frequência mecânico que roça às vezes no determinismo geográfico, e que é muito curioso, por dois motivos. Por um lado, contradiz a própria análise geográfica efetuada pelo mesmo Kropotkin. E, por outro lado, como observou Errico Malatesta, contravêm o voluntarismo político kropotkiniano. Malatesta interroga-se decerto sobre esta questão da vontade, com relação à liberdade e à fatalidade. Segundo a filosofia malatestiana, que prolonga neste ponto particular a de Proudhon e Bakunin, como revelado por Daniel Colson, e que se encontra também em Leibniz e Spinoza, «a vontade [é um] poder criador cuja natureza e origem não podemos compreender».<sup>9</sup> É ela que permite não tanto ultrapassar o que seria um determinismo geográfico ou mecânico das coisas, mas constituir mesmo parte das coisas, da vida como da matéria. À inversa de Proudhon ou Bakunin, que a estendiam de certa forma ao cosmos todo, Malatesta a reserva essencialmente para os seres humanos.<sup>10</sup>
- 14 Élisée Reclus coloca o cursor da vontade por cima do da consciência e do da tomada de consciência: «Quanto mais as consciências, que são a verdadeira força, apreendam associar-se sem abdicar, cada vez mais os trabalhadores, que são a maioria, terão consciência de seu valor, e as revoluções serão mais fáceis e pacíficas».<sup>11</sup> Alguns verão aqui a herança da sua formação puritana protestante ou, pelo contrário, a sua contra-herança. Nas páginas que antecedem esta conclusão, Reclus insiste muito na instrução, o conhecimento e a aprendizagem dos homens e as mulheres, em particular os trabalhadores. Como tem sublinhado Gaetano Manfredonia através da sua grade de tipos ideais do anarquismo organizada em três enfoques –insurrecionalista, sindicalista e educacionista– Élisée Reclus transcende assim a oposição clássica entre individualismo, comunismo libertário e anarco-sindicalismo.<sup>12</sup> Ele que criticou as falsas interpretações do individualismo tingido de nietzschianismo, ele que militou voluntariamente nas fileiras do comunismo libertário –até por ele ter sido um dos seus criadores–,<sup>13</sup> não celebrou também o princípio da «greve geral», caro aos sindicalistas revolucionários e aos anarcossindicalistas?<sup>14</sup>
- 15 Esta ideia da tomada de consciência encontra-se numa das expressões mais geográficas mas também mais complexas de Élisée Reclus. É aquela que constitui o motivo de *L'Homme et la Terre*, seu epigrama mesmo, a saber: «O homem é a natureza tomando consciência dela mesma». Reclus entende assim que é importante o ser humano conhecer a natureza, a sua natureza, e vá além: o ser humano é parte integral da natureza. Por tanto, e além desta declaração –em diante banal, aliás–, ele não é outra coisa do que a natureza. Nesta formulação nem dualista nem monista, não se trata mais somente da natureza em si, mas já de outra coisa, posto que a consciência intervém, e a tomada de consciência, e assim o espírito e a ação, tomada dela mesma, em liberdade e em vontade. É um processo, uma evolução (o partícipio presente de «tomando»). Dito de outra forma, não é mais a

natureza, é já a humanidade, poderíamos mesmo dizer, a «sobre-natureza». É mesmo a civilização, ou, mais exatamente, a «meso-civilização, pois não é proveitosa para todos».<sup>15</sup>

- 16 Em Reclus, mas também nos seus colegas tanto em anarquismo quanto em geografia, não há pois determinismo geográfico. Para seu amigo geógrafo e anarquista Leão Metchnikoff (1838-1888),

estamos longe [...] daquele fatalismo geográfico que reprocha-se frequentemente à teoria determinista do meio na história. Não é no meio mesmo, mas na relação entre o meio e a aptidão de seus habitantes para fornecer voluntariamente a parte de cooperação e de solidariedade imposta a cada um pela natureza, que deve procurar-se a razão de ser das instituições primordiais do povo e das suas transformações sucessivas. Portanto, o valor histórico de tal ou qual meio geográfico –supondo mesmo que este seja fisicamente imutável– pode e deve variar segundo a medida em que seus ocupantes possuam ou adquiram esta aptidão à solidariedade e à cooperação voluntária.<sup>16</sup>

- 17 Desta proposta de Metchnikoff, destacam-se várias conclusões importantes: o meio geográfico não é imutável, a sua «influência» é duplamente relativa posto que cambiante pela sua mesma natureza, e cambiante pela ação das sociedades. Esta ação é praticamente imposta pela natureza sob pena de morte, mas está também na origem da solidariedade e da cooperação humanas, sem as quais a morte viria mais tarde. E, quanto mais esta cooperação é voluntária, tanto mais é eficaz.

- 18 Mais adiante, Metchnikoff acrescenta:

Não somos para nada os defensores deste “fatalismo geográfico” que pretende, contra os fatos melhor estabelecidos, que um conjunto dado de condições físicas pode ou deve jogar invariavelmente, sempre e em todas partes, um papel idêntico em la história. Não, trata-se simplesmente de ver se o valor histórico, variável ao longo dos diferentes meios geográficos, tal como eminentes geógrafos tem demonstrado em muitos casos particulares, é susceptível de alguma generalização. Em outros termos, deve encontrar-se uma fórmula sintética que permita captar, sem se perder nos detalhes, as relações íntimas que ligam a um meio geográfico determinado cada fase da evolução social, cada período sucessivo da história coletiva do gênero humano.<sup>17</sup>

- 19 Esta abordagem é aliás o que Élisée Reclus chama de «mesologia».<sup>18</sup> Retoma assim um neologismo criado em 1865 por Louis-Adolphe Bertillon (1821-1883), um sábio próximo do movimento socialista, mas, durante longo tempo, caído em completo desuso.

- 20 Não há portanto nem fatalidade, nem imobilidade para os povos:

Os dois determinantes, o meio mesmo e a faculdade de adaptação dos seus habitantes sendo os elementos variáveis, segue-se, ao contrário, que os destinos históricos dos povos acantonados na região que seja, deverão necessariamente variar. [...] As modificações que a indústria humana e o trabalho acumulado por gerações sucessivas produzem na natureza de um país, tem uma importância muito grande, e a escola determinista não saberia ignorá-las sem mentir a seu princípio fundamental.<sup>19</sup>

- 21 Concretamente, as atividades humanas são apenas parcialmente guiadas pelo ambiente. É o que conclui Kropotkin:

Ao longo desta evolução, os produtos naturais de cada região e as suas condições geográficas serão sem dúvida uns dos fatores que determinarão o caráter das indústrias que se desenvolverão. Mas [...] apercebemo-nos que no final das contas é o fator intelectual (o espírito de invenção, a faculdade de adaptação, a liberdade, etc.) que domina os outros.<sup>20</sup>

- 22 Patrik Geddes (1854-1932), próximo dos geógrafos anarquistas, insiste na dialética meio-sociedade, que deve ser apreendida numa abordagem regional comparativa:
- Dum lado, temos que extrair em forma cada vez mais completa, para cada região dada, até onde a natureza pode ter determinado o homem. Do outro lado, devemos procurar até onde dado tipo de homem tem reagido, a este ambiente.<sup>21</sup>
- 23 Para analisar as cadeias de causalidade, ele propõe um método assim esquematizado: lugar > trabalho > família, e sociedade > trabalho > lugar.
- 24 Geddes localiza-se assim numa postura positivista bastante clássica, de forma talvez mais crua do que Reclus:
- O homem, engrandecido na civilização material, parece escapar da influencia do ambiente e conseguir reagir, mais e mais profundamente, sobre a natureza. E, na medida que ele desenvolva seus ideais e lhes sistematize na filosofia ou na religião do seu lugar e seu tempo, afirma a sua superioridade sobre o destino, a sua responsabilidade moral e a sua independência. Escapa da escravidão da natureza para o seu domínio engrandecedor.<sup>22</sup>
- 25 Mas, enquanto Geddes insiste em «descer das regiões filosóficas da abstração», em justificar «as promessas evolucionistas da *síntese científica*» e voltar a uma «especialização cada vez mais restrita ao seu próprio domínio», no entanto «coordenada» com as outras, Kropotkin e Reclus esforçam-se em «reaglutinar» as diferentes disciplinas para retornar à filosofia global dos Gregos.
- 26 Esta questão do determinismo é importante, dado que costuma reaparecer não somente em geografia mas em todos os domínios, em biologia e sociologia principalmente. A sociobiologia, que explora e deforma as descobertas da genética, levanta um grande número de problemas sobre os que deve-se avançar com prudência, mas com resolução. Pelo menos, este gênero de questão tem sempre preocupado cientificamente os anarquistas, à semelhança de Noam Chomsky e da sua gramática generativa, sorte de programação potencial da linguagem no cérebro humano.<sup>23</sup> O evolucionismo e o revolucionarismo reclusianos situam-se no fio da navalha determinista, mas sem cair nunca nele, salvo isolando certas frases do seu contexto.

### 3. Por uma ciência geográfica ao serviço da anarquia

- 27 A passagem longamente citada de *L'Évolution, la révolution et l'idéal anarchique* visa em duas direções. Por uma parte, critica a teoria de Malthus –que não menciona explicitamente, a diferença de outros textos–, pois considera-a uma análise falsa da questão dos recursos, destinada a manter as desigualdades socioeconômicas. Por outra parte, dá à ciência a missão de sair da empiria e de racionalizar o ciclo produção-consumo. A esta ciência «econômica» acrescenta-se uma «ciência social», porque às «revoltas espontâneas» segue-se uma «luta metódica e segura contra a opressão». Assim, «a ciência social, que ensina as causas da servidão, e, como consequência, os meios da libertação, desprende-se aos poucos do caos das opiniões em conflito».<sup>24</sup> Dito de outro modo, a ciência fornece as ferramentas de que os seres humanos podem dispor conscientemente.
- 28 As propostas de Reclus poderiam ser qualificadas de positivismo beato e otimista. Mas isso seria esquecer duas coisas. No final da mesma obra, Reclus, que faz o paralelo entre o avanço da ciência e o recuo da religião, estima que este segundo fenômeno não é definitivo dado que «à parte da força material, da pura violência [...] uma outra força mais

sutil e tal vez mais poderosa, aquela da fascinação religiosa, encontra-se à disposição dos governantes», da qual «não podemos negar que sua força é ainda muito grande».<sup>25</sup>

- 29 A argumentação de Reclus contra o malthusianismo apoia-se duplamente sobre uma preocupação moral-social (a alegria para todos de ter crianças, a hipocrisia e a mesquinha dos ricos) e sobre uma demonstração científica (é materialmente possível, portanto socialmente factível). Por outro lado, com ajuda do seu secretário Henri Sensine (1854-1937), livra-se a um cálculo das superfícies, as terras e as riquezas, que lhe permite concluir:

Desejamos estender a solidariedade a todos os homens, sabendo positivamente, graças à geografia e à estatística, que os recursos da Terra são amplamente suficientes para todo mundo ter de comer. Essa pretensa lei segundo a qual os homens devem comer-se os uns aos outros não está justificada pela observação. É em nome da ciência que podemos dizer ao sábio Malthus que está enganado. Nosso trabalho de todo dia multiplica os pães e todos serão saciados.<sup>26</sup>

- 30 Igualmente, desenvolve esta proposta numa longa passagem de *L'Homme et la Terre* sobre povoamento.<sup>27</sup>

- 31 Com certeza, poderia dizer-se que Reclus ignorava o formidável crescimento demográfico planetário, urbano em particular, que vai conhecer o século XX, e que, em consequência, não podia prever seus enormes efeitos. Nada mais falso, pois ele estimara a cifra possível. Reclus praticamente previu o fenômeno do crescimento urbano, ao qual ele aliás não se opõe. «Atualmente, nada faz presumir que estas prodigiosas aglomerações de edifícios tenham atingido sua maior extensão imaginável: bem ao contrário».<sup>28</sup> Após ter comparado a situação da Austrália e da Inglaterra a esse respeito, Reclus acrescenta na conclusão do capítulo dedicado a este tema:

Uma futura aglomeração de dez, de vinte milhões de homens, seja na bacia inferior do Tâmis, seja nas bocas do Hudson, ou qualquer outro lugar atraente, não surpreenderá ninguém, e devemos mesmo preparar nossos espíritos para o que será um fenômeno normal da vida das sociedades.<sup>29</sup>

- 32 Lembre-se que Londres conta atualmente sete milhões de habitantes, e Nova York um pouco mais.

- 33 Reclus precisa inclusive que o novo fenômeno da urbanização, que não tem nada de patológico pois ele o qualifica de «normal», estará acompanhado dum «incessante intercâmbio de população entre as cidades que já o experimentam», antecipando o que os geógrafos contemporâneos chamam de redes urbanas, senão metropolitanas ou megalopolitanas. Ele já destaca que os meios mais densos do globo não são forçosamente mais pobres (a Europa renana, a Ásia dos monções, os planaltos africanos), mesmo nas regiões rurais. Reclus até fornece a máxima cifra possível: seis bilhões de homens só para a banda equatorial!

- 34 Esta análise não é surpreendente em Reclus. O problema não provém, segundo ele, dum erro nas técnicas ou na ciência, mas de uma má utilização delas pelo capitalismo, assim como do desperdício, sem deixar de lado aliás a perda do sentido moral e cívico. Para Reclus «não existem as “boas terras” de antanho: todas foram criadas pelo homem, cuja potência criativa, longe de diminuir, tem pelo contrário acrescentado-se em enormes proporções».<sup>30</sup> Esta posição reclusiana colide em cheio contra os malthusianos de todo tipo que preferem enxergar as consequências e não as causas. No plano das implicações políticas desta questão, Reclus rejeita aliás certos anarquistas «desperdiçarem sua energia» no neomalthusianismo.<sup>31</sup> O discurso malthusiano volta com força nos nossos dias,

coberto por uma suposta «finitude do planeta», que colocaria em dificuldades a renovabilidade de certos recursos e as capacidades da biosfera. Tem mesmo adquirido importância após o afundamento da União Soviética e do proclamado fim da utopia socialista –quando na verdade aquela tinha adotado os hábitos do comunismo estático e do totalitarismo. Constitui doravante o horizonte que limita todas as políticas presas na armadilha dum discurso catastrofista que mistura causas justas com interpretações precipitadas, daí a importância, e a necessidade, de submetê-lo a análise crítica.

- 35 Élisée Reclus, assim como Kropotkin, interrogam-se igualmente sobre os «meios livres» anarquistas que, multiplicando-se no fim do século XIX, procuraram desatar-se da sociedade ambiente e da cidade. A sua crítica não trata em forma alguma do caráter supostamente reformista ou escapatório deste gênero de experiências, e sim sobre seu possível fracasso, pois eles evoluiriam artificialmente à parte do «meio» –meio social, cultural e ambiental. Segundo Reclus, as boas vontades só, titubeantes aliás ou difíceis de forjar, não seriam suficientes se estando confinadas «por falta de adaptação ao meio».<sup>32</sup>
- 36 Numa contribuição à revista *Les Temps Nouveaux* (*Os Novos Tempos*, 1895-1914), um dos principais e mais influentes órgãos anarquistas franceses, animado por Jean Grave (1854-1939), Élisée Reclus não duvida em rejeitar toda tentativa de situar-se por fora,<sup>33</sup> e privilegia a escolha de obrar dentro da sociedade atual: «Numa palavra, acham-se os anarquistas Icarianos, fora do mundo burguês? Eu não o penso nem o desejo. [...] No nosso plano de existência e de luta, não é a paróquia de companheiros que nos interessa, mas o mundo inteiro».<sup>34</sup> Piotr Kropotkin emite um juízo igualmente severo sobre o impasse que constituem estas «comunidades voluntárias».<sup>35</sup>
- 37 Esta é aliás uma posição adotada pelo congresso anarquista de Londres de 1896, em que participaram Reclus e Kropotkin. É pois com a mesma lógica que Reclus e outros encorajaram os anarquistas a ficar no povo, na sociedade. Eis por que Reclus encoraja o sindicalismo, o comunalismo e o cooperativismo, que ele não opõe ao movimento revolucionário mas que, bem pensado, situam-se precisamente numa evolução desembocante na revolução.<sup>36</sup>

## 4. Geografia, anarquia e poder

- 38 As ideologias dominantes dão a primazia à história. Os monoteísmos transcendentais de origem meta-mediterrâneo (judaísmo, cristianismo e o islã) concebem o tempo como uma flecha. Os padres e profetas anunciaram a vinda de um messias ou o fim do mundo. As religiões ou filosofias imanentistas da Ásia (budismo, hinduísmo, confucionismo e xintó), por sua parte, conceberam o tempo como um ciclo que repousa sobre a quase-imobilidade do eterno recomeço, o que elimina a ideia de revolução. O marxismo mesmo, com a sua sucessão fatal de modos de produção, não tem escapado desta conceição linear do tempo e desta determinação histórica. E, em certa forma, o catastrofismo ecologista que anuncia ele também o fim do mundo situa-se neste módulo escatológico, determinista, fatal e implacável. Agora, quem dita a história, controla-a, domina-a politicamente. Mata o imaginário político e social que poderia propor uma alternativa.
- 39 O cristianismo com seu o fim do mundo e o marxismo com o seu fim do capitalismo, afundam-se sob o peso das suas contradições, e o ecologismo, com seu afundamento planetário, são desde este ponto de vista apenas variantes duma mesma postura, da qual é preciso revelar que encontra a sua origem no pensamento ocidental. Há, por outra parte,

um laço histórico, ideológico e personalizado entre estas três ideologias. O catastrofismo é um excelente meio para culpabilizar os indivíduos, para tetanizá-los e para desviá-los perante a amplitude do que parece incomensurável e irrefreável, desumano. A «heurística do medo» proposta por Hans Jonas (1903-1993), o mesmo que sugeriu uma «ditadura benevolente» para regular os problemas ecológicos do planeta, não é nada mais do que uma superstição.

- 40 O anarquismo coloca a liberdade e a crítica do poder no coração da sua filosofia, da sua ética e da sua prática. Critica o poder como fator essencial de dominação, de exploração, de manipulação e de coerção, assim como vetor da miséria humana, econômica, social, cultural e política. Este poder, espiritual e temporal, é situado. Assim como o anarquismo inscreve o tempo no espaço, em situações, considera também a história como podendo ser uma ficção, uma simulação, e até uma mentira. A análise geográfica permite desmascarar esta ficção descrevendo a realidade espacial das explorações (a divisão socio-espacial do trabalho), das dominações (divisão em Estados-nação e em impérios), as opressões (lugares de poder coercitivo, marginalização das minorias, guetos) e das alienações (lugares de culto, lugares da sociedade do mercado espetacular, lugares de sexismo). Uma perspectiva anarquista em geografia analisa, e denuncia, as formas espaciais do poder, sejam estas particularmente mais ou menos coercitivas ou visíveis. Agora, a geografia atual, além de muitas vezes ficar satisfeita com o ferramental informático e quantitativo, guarda uma leitura vertical destes espaços. Consciente ou inconscientemente, ela reproduz a abordagem histórica e hierárquica das ideologias dominantes. Vemos mesmo reaparecer no seu seio as posturas deterministas que procuram explicar as diferentes civilizações a partir das diferenças entre seus meios geofísicos ou certos fenômenos sobre a base de uma ecologia reducionista ou vitalista.
- 41 Uma perspectiva anarquista da geografia pode liberá-la desta camisa de força verticalista e substituí-la por uma leitura horizontal do mundo, desmontando os sistemas hierárquicos do poder e valorizando as tentativas horizontais de emancipação humana no espaço. Não tem uma visão estática e fetichista da natureza. Interroga-se sobre os supostos limites da biosfera e da terra, e sobre o retorno do malthusianismo na ciência como na política. Não é escrava da tecnologia, mas não cai mais numa crítica dela cega ou truncada. Coloca-se ao serviço, não dos dominantes, lhes fornecendo ferramentas de análise e controle, discursos e leituras do mundo, mas a serviço da sociedade, do povo, não do exterior ou do alto, mas no seu seio.
- 42 A geografia é apenas um dos saberes ou uma das ciências capazes fornecer elementos de reflexão e de ação não somente ao anarquismo como tal, mas a todos os movimentos de emancipação individual e social. A lista das suas muitas contribuições seria longa, e melhor do que retrará-la exaustivamente, pode-se tentar apresentar alguns pontos-chave, algumas pistas de reflexão a serem aprofundadas.
- 43 O ser humano é um ser geográfico, como numerosos geógrafos tem feito questão de demonstrar e repetir. O é por definição, e de muitas formas. De um lado, faz parte deste conjunto natural, cósmico ou terrestre, qualquer que seja o nome que lhe dermos. Todavia, o anarquismo nem aguardou a geografia erudita para pensar nisso. Em certa forma, pode mesmo dizer-se que a sua geografia, vívida, prática, empírica, a empurrou a formulá-la, contrariamente à escolástica kantiana, hegeliana, e marxista.
- 44 É mesmo uma grande injustiça intelectual não reconhecer na sua justa medida as intuições anarquistas de um sistemismo *avant la lettre* cujas bases encontram-se já em Proudhon e Bakunin. Deve sublinhar-se também que é precisamente este «sistemismo»

que distancia a posição socialista do anarquismo, por exemplo, como exprime Kropotkin: «é considerando a sociedade como um todo, intimamente ligado em conjunto, que um serviço emprestado a um indivíduo, é um serviço emprestado à sociedade inteira».<sup>37</sup> Isto remete à concepção anarquista da liberdade como relação social de emancipação individual, donde a noção de socialismo libertário. Para evitar soçobrar num holismo conducente a um absolutismo tão temível como nefasto nos planos filosófico e político, os geógrafos anarquistas conseguiram no entanto fornecer três precisões.

- 45 Em primeiro lugar, este grande sistema do qual o ser humano faz parte, e do qual depende, depende igualmente do ser humano. Há interação, quase corresponsabilidade – na medida em que seja possível erigir a natureza em sujeito responsável, o que o anarquismo não tem feito, contrariamente ao biocentrismo e à ecologia profunda.
- 46 Em segundo lugar, além da pluralidade e da diversidade, este conjunto é um sistema geral, pode-se dizer. Como escreveu Kropotkin, «a primeira coisa que bate no geógrafo quando observa a Terra como um todo, não é tanto a diversidade da paisagem ou das características das suas diferentes partes, e sim as classes bem definidas de tipos de paisagens e de panoramas».<sup>38</sup> Daí a importância daquilo que Leão Metchnikoff chama «geografia comparada», expressão que retoma de Carl Ritter.<sup>39</sup>
- 47 Em terceiro lugar, a natureza e a terra são elementos mais do que vivos, cambiantes. A evolução e a mudança são a regra, ultrapassam a simples noção de vida, o que permite evitar duas armadilhas: aquela da santificação da natureza ou da terra, considerada como um ser vivente, uma deusa Gaia ou uma divindade qualquer à qual deve-se sacrificar um novo culto e renunciar de novo à liberdade; e aquela da beatificação fixista, segundo a qual nem a natureza nem a terra poderiam ser tocadas sob o pretexto que toda mudança é perigosa.
- 48 A geografia reclusiana do «meio-espaço» e do «meio-tempo» relembra quanto o ambiente tem mudado, quanto ele muda e quanto ele vai mudar, com ou sem o ser humano. Com o ser humano, esta mudança deve ser feita numa perspectiva de melhoramento para todos. Mas postular uma forma de imobilidade, de fixismo, é voltar à esclerose. Considerar os riscos ligados ao meio como incongruentes é errar de novo na concepção do mundo: seja retornando a uma visão em que estes riscos são atribuídos à cólera divina, e assim a uma nova forma de religião; ou seja cultivando o catastrofismo, que é uma forma dissimulada de religião, apocalíptica, messiânica e escatológica.
- 49 Esta lembrança da temporalidade e da evolução pela geografia do «meio-espaço» e do «meio-tempo» enfrenta-se à impaciência costumeira dos anarquistas. Deve encontrar-se o equilíbrio entre a ação imediata e as estratégias políticas mais longínquas. Durante décadas, o anarquismo tem vivido com a ideia da revolução próxima, o que tem aliás estimulado atos políticos desejosos de acelerar o processo, de colocar a fâsca no barril de pólvora e fazer virar as coisas. A história do século passado mostrou a complexidade do fenómeno, mas o anarquismo não tem necessariamente apercebido-se completamente. Pensar que a revolução não seja para amanhã não significa que por isso, como alguns gostam de acreditar, a revolução como tal deva descartar-se.
- 50 Por outra parte, o ser humano é um ser geográfico como que habitante da terra, um ser geográfico sedentário e móvel, e, é uma evidência à relembrar, mais ativo do que passivo: nas sua mobilidade, na sua gestão concreta do espaço, na sua restituição imaginária. Como repete Proudhon, o trabalhador –o ser humano que lavra os componentes fornecidos pela terra, direta ou indiretamente– é igualmente um artista e um poeta.

- 51 A geograficidade do ser humano implica muitas coisas. Conhecer a geografia torna-se conhecer-se a si mesmo. Isto pode com certeza ser dito de todas as outras ciências, da medicina à sociologia, passando pela psicanálise. Mas a geografia fornece a especificidade de permitir ao indivíduo, de entrada, movimentar-se no espaço, guiar-se. É uma técnica e uma prática de autogestão espacial, em primeiro lugar, pela orientação. Esta capacidade é individual, mas também social. Sobre esta segunda dimensão, os trabalhos geográficos contemporâneos revelam bem o que a empiria deixava supor: quanto mais o nível socioeconômico de um indivíduo é fraco, mais reduzida é a sua capacidade de deslocar-se livremente, mais é magro seu conhecimento do mundo e seus diferentes lugares. É isto o que leva à pobreza espiritual e humana, o que permite o poder exercer a sua dominação através do espaço. Dito de outra forma, uma geografia libertária pode contribuir a empurrar os limites impostos pela finitude, a finitude histórica e a finitude geográfica.

---

## NOTAS

1. FERRETTI Federico (2011): *L'Occidente di Élisée Reclus: l'invenzione dell'Europa nella Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894) / L'Occident d'Élisée Reclus: l'invention de l'Europe dans la Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)*. Université de Bologne et Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, thèse, dir. Franco Farinelli et Marie-Claire Robic, 566 p.
2. Principalmente por Gary Dunbar, Béatrice Giblin, Yves Lacoste, Soizic Alavoine, Federico Ferretti, eu mesmo e outros no que concerne aos geógrafos.
3. PELLETIER Philippe (2009): *Élisée Reclus, géographie et anarchie*. Paris/Oléron, Éditions du Monde libertaire, Éditions libertaires, 258 p.
4. KROPOTKINE Pierre (1892): *La Conquête du pain*. Rééd. Éditions du Monde Libertaire, 1975, 282 p., p. 218.
5. *Ib.*, p. 46 et 50.
6. RECLUS Élisée (1979): *L'Évolution, la révolution et l'idéal anarchique*. Paris, Stock + Plus, 210 p., p. 97-98, éd. or. 1898 (novembro 1897), sétima edição revisada e corrigida, e 1921, infra ERIA. É diferente da primeira edição de 1891 (texto inicial de 1880), recentemente editada. RECLUS Élisée (2008): *Évolution et révolution*. Paris, Le passager clandestin, 114 p., prefácio de Olivier Besancenot, éd. or. 1891.
7. SERVIGNE Pablo (2009): « Qu'a-t-on appris sur l'entraide depuis Kropotkine ? ». *Réfractons, recherches et expressions anarchistes*, 23, p. 53-63.
8. Proudhon chegou a ler Vico. Para um dos seus biógrafos, Vico « ocupa um lugar muito importante em seus textos, admira-lhe e deve-lhe certamente muito. Conhece suas obras pela tradução de Michelet ». AUBTMANN Pierre (1982): *Pierre-Joseph Proudhon, sa vie et sa pensée (1809-1849)*. Paris, Beauchesne, 1142 p., p. 249. Mas de uma passagem na obra de Proudhon indica a sua inspiração em Vico, principalmente, na elaboração da sua « dialética serial ». Seja que o tenha lido via Proudhon ou por Michelet, há em tudo caso com Vico um laço intelectual entre Reclus e Proudhon.
9. MALATESTA Errico (1931): « À propos de Kropotkine ». *Studi Sociali*, 15 avril. COLSON Daniel (2010): *L'Anarchisme de Malatesta*. Lyon, Atelier de Création Libertaire, 178 p.

10. Proudhon: «É sempre uma ação constante a que, no objeto, joga, por assim dizer, o papel da vontade e que, faz, por assim dizer, o espírito, a alma, a razão». *Lettre à Cournot* (1821), *Correspondance*, t. VII, p. 372. Bakounine: «Todas as coisas são governadas pelas leis que lhes são inerentes e que constituem sua natureza particular». *Considérations philosophiques sur le fantôme divin, sur le monde réel et sur l'homme* (1871), *Œuvres complètes*, vol. 8. Segundo Colson (op. cit., p. 21), as implicações políticas são duplas: afirmação da autonomia, interrelação do ser humano com o mundo.
11. ERIA, p. 205.
12. MANFREDONIA Gaetano (2009): «Élisée Reclus, entre insurrectionnalisme et éducationnisme». *Élisée Reclus - Paul Vidal de la Blache, le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd'hui, autour de 1905*, Jean-Paul Bord et al. éd., Paris, L'Harmattan, 318 p., p. 17-32. MANFREDONIA Gaetano (2007): *Anarchisme & changement social, insurrectionnalisme, syndicalisme, éducationnisme-réalisateur*. Lyon, Atelier de Création Libertaire, 354 p.
13. ENCKELL Marianne (2009): «Élisée Reclus, inventeur de l'anarchisme». *Élisée Reclus - Paul Vidal de la Blache, le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd'hui, autour de 1905*, Jean-Paul Bord et al. éd., Paris, L'Harmattan, 318 p., p. 39-44.
14. ERIA, p. 189-191.
15. «A vida mais ativa, mas apaixonada, é por consequência frequentemente complicada por crises, e muitas vezes a detida faz-se bruscamente pela morte voluntária. Eis o lado mais doloroso de nossa meso-civilização tão encomiada, meso-civilização pois não é proveitosa para todos. A média dos homens foi nos nossos dias não só mais ativa, mais vivaz, mas também mais feliz do que em outros tempos, pois a humanidade, dividida em inumeráveis povos, não tinha ainda tomado consciência dela mesma no seu conjunto. Não é menos verdadeiro que a distância moral entre o gênero de vida dos privilegiados e aquele dos parias tem-se acrescentado». *L'Homme et la Terre* (infra H&T) (1905), tome VI, p. 533.
16. METCHNIKOFF Léon (1889): *La Civilisation et les grands fleuves historiques*. Paris, Hachette, préface d'Élisée Reclus, 372 p., p. 41.
17. *Ib.*, p. 128-129.
18. «A desigualdade dos traços planetários tem feito a diversidade da história humana, e cada um desses traços tem determinado seus acontecimentos, em correspondência ao meio da infinita variedade das coisas [...] Tal é o princípio fundamental da mesologia ou "ciência dos meios"». *H&T*, I, p. 35.
19. Metchnikoff (1889), op. cit., p. 224-225.
20. KROPOTKINE Pierre (1910): *Champs, usines et ateliers ou l'industrie combinée avec l'agriculture et le travail cérébral avec le travail manuel*. Paris, Stock, 490 p., éd. or. em inglês 1901.
21. GEDDES Patrick (1898): «The influence of geographical conditions on social development». *The Geographical Journal*, 12-6, p. 580-587, p. 581.
22. *Ib.*, p. 585.
23. CHOMSKY Noam (2010): *Raison & liberté, sur la nature humaine, l'éducation & le rôle des intellectuels*. Marseille, Agone, prefácio de Jacques Bouveresse, 410 p. Esta é uma das raras obras em que podem ler-se em forma sintética as pontes que Chomsky traça prudentemente entre seus trabalhos científicos e a sua reflexão política.
24. ERIA, p. 45-46.
25. ERIA, p. 149.
26. Carta de 1884 de Élisée Reclus a Richard Heath. Citada por: RECLUS Paul (1939): op. cit., p. 116.
27. *H&T*, tomo V, livro I, capítulo 1.
28. *H&T*, V, p. 374-375-376.
29. *Ibidem*.
30. Uma posição socialista a dizer verdade clássica (cf Proudhon, Marx, etc.): *H&T*, conclusão do Tomo V, livro IV, capítulo 1.

31. Citado por NETTLAU Max em *Geschichte der Anarchie*, V, p. 243, et dans *Élisée Reclus* (1928), p. 331.
32. *ERIA*, p. 194.
33. *L'Endehors* [Do Lado de Fora] (1891-1893) é o nome do jornal fundado pelo individualista Zo d'Axa (1864-1930), pseudônimo do jornalista Alphonse Gallaud de la Pérouse. Este título é retomado em 1922 pelo anarquista individualista E. Armand (1872-1962), pseudônimo de Ernest Juin.
34. RECLUS Élisée (1900) : « Les colonies anarchistes ». *Les Temps nouveaux*, du 7 au 13 juillet, p. 1-2. Estas proposições são mais duras que em *ERIA* (1898) onde, no final, ele evoca certas «tentativas de associações mais ou menos comunitárias» –cuja história «relata mais insucessos que êxitos»–, e acrescenta que «nenhum desses fracassos conseguirá nos desencorajar, pois os esforços sucessivos indicam uma tensão irresistível da vontade social» (op. cit., p. 192 et p. 195).
35. KROPOTKINE Pierre (1896) : « Contre les communes volontaires ». *Communisme et Anarchie*, texto do congresso de Londres ; retomado em *La Science moderne et l'Anarchie* (1913), p. 152-154. Citado por : ZEMLIAK Martin (1976) : *Pierre Kropotkine, Œuvres*. Paris, Maspéro, 450 p., p. 41-43.
36. *ERIA*, p. 194-199.
37. KROPOTKIN Peter (1887) : « The Coming of Anarchy ». *Nineteenth Century*, août, p. 152.
38. KRAPOTKIN [sic] P. (1893) : « On the teaching of physiography ». *The Geographical Journal*, 2, p. 355.
39. *Ib.*, p. 53.

## RESUMOS

À primeira vista, Élisée Reclus (1830-1905) não parece ter escrito um tratado de teoria geográfica na forma em que outros fizeram, e no sentido em que hoje o entendemos. Uma simples leitura mostra no entanto que muitos capítulos de suas obras, principalmente introdutórios ou conclusivos, expõem princípios geográficos fortes. É destacadamente o caso do seu prefácio a *L'Homme et la Terre* (1905). Mas, como pesquisas recentes vieram mostrar, a *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894) longe de limitar-se a uma simples descrição do mundo, oferece também elementos gerais através duma análise regional. Não se trata de expor aqui em forma detalhada em que consistiria uma teoria geográfica reclusiana. Este trabalho tem sido já amplamente efetivado. Em vez disso, parece pertinente compará-la com a teoria anarquista, isto por algumas razões. Por uma parte, esta abordagem combinada não tem sido aprofundada até agora. Por outra parte, parece pertinente considerando que nem a situação atual do mundo, nem as soluções adotadas até agora para remediá-la são satisfatórias. Desde este ponto de vista, o anarquismo fornece análises e respostas prometedoras. Abordar conjuntamente Reclus e o anarquismo permite então contribuir com um novo olhar sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro, sem que se trate só de Reclus, mas também de outros geógrafos anarquistas como Kropotkin, Metchnikoff, Perron ou Dragonamov, de uma abordagem hagiográfica ou de uma simples desempoeirada. Dito de outra forma, trata-se de fazer obra crítica e operativa, de manter o espírito e o pensamento livres.

De prime abord, Élisée Reclus (1830-1905) ne semble pas avoir écrit un traité de théorie géographique comme certains en ont écrit, et dans le sens où on l'entend de nos jours. Une simple lecture montre cependant que plusieurs chapitres, notamment introductifs ou conclusifs,

de ses ouvrages exposent des principes géographiques forts. C'est notamment le cas de sa préface de *L'Homme et la Terre* (1905). Mais, comme viennent de le montrer de récentes recherches, la *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894), loin de se résumer à une simple description du monde, livre aussi des éléments généraux à travers une analyse régionale. Il s'agit pas d'exposer ici de façon détaillée en quoi consisterait une théorie géographique reclusienne. Ce travail a été largement accompli. En revanche, il paraît pertinent de la mettre en regard avec la théorie anarchiste, et cela pour x raisons. D'une part, cette approche combinée n'a guère été approfondie jusque-là. D'autre part, elle apparaît pertinente si l'on considère que ni la situation actuelle du monde, ni les solutions adoptées jusque-là pour y remédier ne nous satisfont. De ce point de vue, l'anarchisme apporte des analyses et des réponses prometteuses. Aborder conjointement Reclus et l'anarchisme permet donc d'apporter un nouveau regard sur le passé, mais aussi sur le présent ou le futur, sans qu'il s'agisse, vis-à-vis de Reclus mais aussi d'autres géographes anarchistes comme Kropotkine, Metchnikoff, Perron ou Dragomanov, d'une démarche hagiographique ou d'un simple dépoussiérage. Autrement dit, il s'agit de faire œuvre critique et opératoire, de garder l'esprit et la pensée libres.

## ÍNDICE

**Mots-clés:** Élisée Reclus, géographie, anarchie, malthusianisme, mésologie

**Índice cronológico:** 1830-1905

**Palavras-chave:** Élisée Reclus, geografia, anarquia, maltusianismo, mesologia

## AUTORES

**PHILIPPE PELLETIER**

Université Lyon 2